



Ordenação de constituintes em sentenças declarativas do português brasileiro

Michel Gustavo Fontes (UNESP/SJRP)

Erotilde Goreti Pezatti (UNESP/SJRP)

RESUMO: Com base na Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), este artigo objetiva analisar a ordenação de constituintes argumentais em atos declarativos, utilizando como *corpus* o banco de dados IBORUNA, que contempla amostras reais de fala do português falado no interior paulista. Dessa forma, verifica-se que as duas ordens naturais do português brasileiro (SV(O) e VS), como já propõe Pezatti (1992), é determinada por fatores semânticos, especificamente pelas funções semânticas atribuídas aos constituintes, enquanto a ordenação marcada é condicionada por fatores pragmáticos, especificamente pela atribuição de funções pragmáticas.

Palavras-chave: Ordenação de constituintes; Atos declarativos; Funções pragmáticas.

Considerações iniciais

O objeto de estudo deste artigo concentra-se no que a literatura linguística denomina de *ordem de palavras*. A ordenação de constiuintes tem despertado o interesse de muitos linguistas e recebido diversos tratamentos a depender do enfoque teórico-metodológico adotado. Este trabalho objetiva verificar a ordenação de constituintes argumentais em sentenças declarativas do português brasileiro (doravante PB) com base em uma perspectiva funcionalista da linguagem, que considera a língua como um instrumento de interação verbal e, portanto, percebe os fenômenos linguísticos como condicionados por determinações semânticas e pragmáticas.

Procura-se, então, dialogar com trabalhos que tomam a ordenação de constituintes como objeto de estudo e a interpretam com base numa visão funcionalista da linguagem, como os trabalhos desenvolvidos por Pezatti (1992; 1993; 1994; 2007; 2009), Pezatti & Camacho (1997) e Pezatti & Fontes (2010). Tal seleção se justifica uma vez que, dentro da abordagem funcionalista, esses trabalhos seguem as propostas do funcionalismo holandês, sendo os primeiros trabalhos desenvolvidos com base na Gramática Funcional (doravante GF) de Dik (1997a; 1997b), e os mais recentes, com base na Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) de Hengeveld & Mackenzie (2008), modelo teórico-metodológico assumido para nortear a análise aqui proposta.

Dessa forma, tomando ocorrências de Atos declarativos, observa-se a ordenação de constituintes argumentais do PB com base no alinhamento entre a codificação desses atos no Nível Morfossintático, especificamente do *template*¹ de ordenação oracional, e as formulações semânticas e pragmáticas ocorridas nos níveis Representacional e Interpessoal e, então, propomos que, no PB, há uma nítida separação entre a ordenação configuracional e a ordenação hierárquica dos constituintes, ou seja, o PB apresenta uma ordenação para os constituintes configuracionais (argumentos) e outra para os hierárquicos (modificadores adverbiais). Além disso, por fim, ampliamos as reflexões aqui expostas para as construções que se utilizam de cópulas, uma vez que não foram tratadas por Pezatti (1992).

Para tanto, como material de análise, conta-se com ocorrências reais de uso provenientes do banco de dados IBORUNA, idealizado pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) da UNESP/IBILCE de São José do Rio Preto e coordenado por Sebastião Carlos Leite Gonçalves. Os dados foram coletados utilizando-se dois critérios metodológicos: (i) primeiramente, selecionaram-se inquéritos com informantes adultos de nível de escolaridade superior, como mostra a Figura 01 abaixo e, (ii) em segundo lugar, restringiu-se a coleta a sentenças que configuram Atos Declarativos independentes, tradicionalmente denominados oração absoluta (eliminando, assim, orações subordinadas), com constituintes argumentais lexicalmente expressos (eliminando casos de sujeitos e objetos nulos).

Inf.	F. E.	Escol.	Renda	Cidade	Sexo
AC-052	16 a 25 anos	Superior	de 11 a 24 sm	Bady Bassitt	M
AC-082	26 a 35 anos	Superior	mais de 25 sm	São José do Rio Preto	M
AC-114	36 a 55 anos	Superior	mais de 25 sm	Mirassol	M
AC-129	+ de 55 anos	Superior	mais de 25 sm	Mirassol	F
AC-145	+ de 55 anos	Superior	mais de 25 sm	Mirassol	F
AC-151	+ de 55 anos	Superior	até 5 sm	Mirassol	F

Figura 01: Seleção de inquéritos do IBORUNA

Com base no exposto acima, os objetivos específicos deste trabalho são: (i) observar, dialogando principalmente com os trabalhos de Pezatti (1992), Pezatti & Camacho (1997) e Pezatti & Fontes (2010), a ordem natural dos constituintes do português, tomando por base o modelo da GDF; (ii) explicitar os aspectos discursivos e semânticos envolvidos na ordenação de constituintes propostos por Pezatti (1992) com base na GDF, mostrando-se como tal análise não só se aplica a construção com verbos significativos, mas também a construções com cópula; (iii) oferecer explicações para a disposição de constituintes na oração que não seguem a ordem natural do PB (e que, assim, configuram uma ordem marcada).

Este trabalho está dividido em três partes: (i) na primeira parte, apresenta-se o modelo da GDF; (ii) na segunda parte, após apresentar considerações iniciais sobre a ordenação de constituintes no PB, analisam-se as duas ordens naturais do PB propostas por Pezatti (1992) com base na GDF e suas alterações; por fim, (iii) traçam-se as considerações finais.

1. O modelo gramatical da Gramática Discursivo-Funcional

Proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF constitui-se como o componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal, que interage com componentes não-linguísticos do processo de comunicação, conforme se observa na Figura 02. De forma geral, a GDF, concebida segundo os princípios de uma perspectiva funcional da linguagem,

¹ *Templates*, na GDF, referem-se aos padrões de ordenação de constituintes.

tem por objetivo a descrição e a explicação das línguas naturais de uma forma pragmática e psicologicamente adequada, isto é, pretende estudar o grau em que uma descrição linguística é relevante para explicar o uso da língua e o grau em que uma descrição linguística é compatível com o conhecimento sobre o processamento mental envolvido na interpretação e na produção das expressões linguísticas. Em síntese, esse modelo gramatical captura as propriedades formais das unidades linguísticas e as descreve em termos da intenção comunicativa com que são produzidas.

Portanto, sem desconsiderar a Gramática Funcional proposta por Dik (1997a; 1997b), a GDF provoca mudanças significativas na determinação das unidades de análises linguísticas, já que propõe a expansão de uma gramática da sentença para uma gramática do discurso. Para tanto, tal modelo gramatical apresenta as seguintes propriedades:

- (a) opera de cima para baixo (organização *top-down*): as intenções comunicativas de um falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística;
- (b) tem como unidade básica de análise os atos discursivos;
- (c) liga-se a um componente conceitual, contextual e um de produção;
- (d) distingue dois processos fundamentais envolvidos na produção linguística: (i) *formulação*, que converte a intenção comunicativa e sua representação mental em representações interpessoais e representacionais, e (ii) *codificação*, que transporta as representações interpessoais e representacionais para os níveis morfossintático e fonológico de forma a dar a elas uma expressão linguística;
- (e) introduz quatro níveis de análise independentes e organizados hierarquicamente: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Tais níveis, nessa ordem hierárquica, são interatuantes na organização do modelo da GDF, conforme se observa na Figura 02 abaixo.

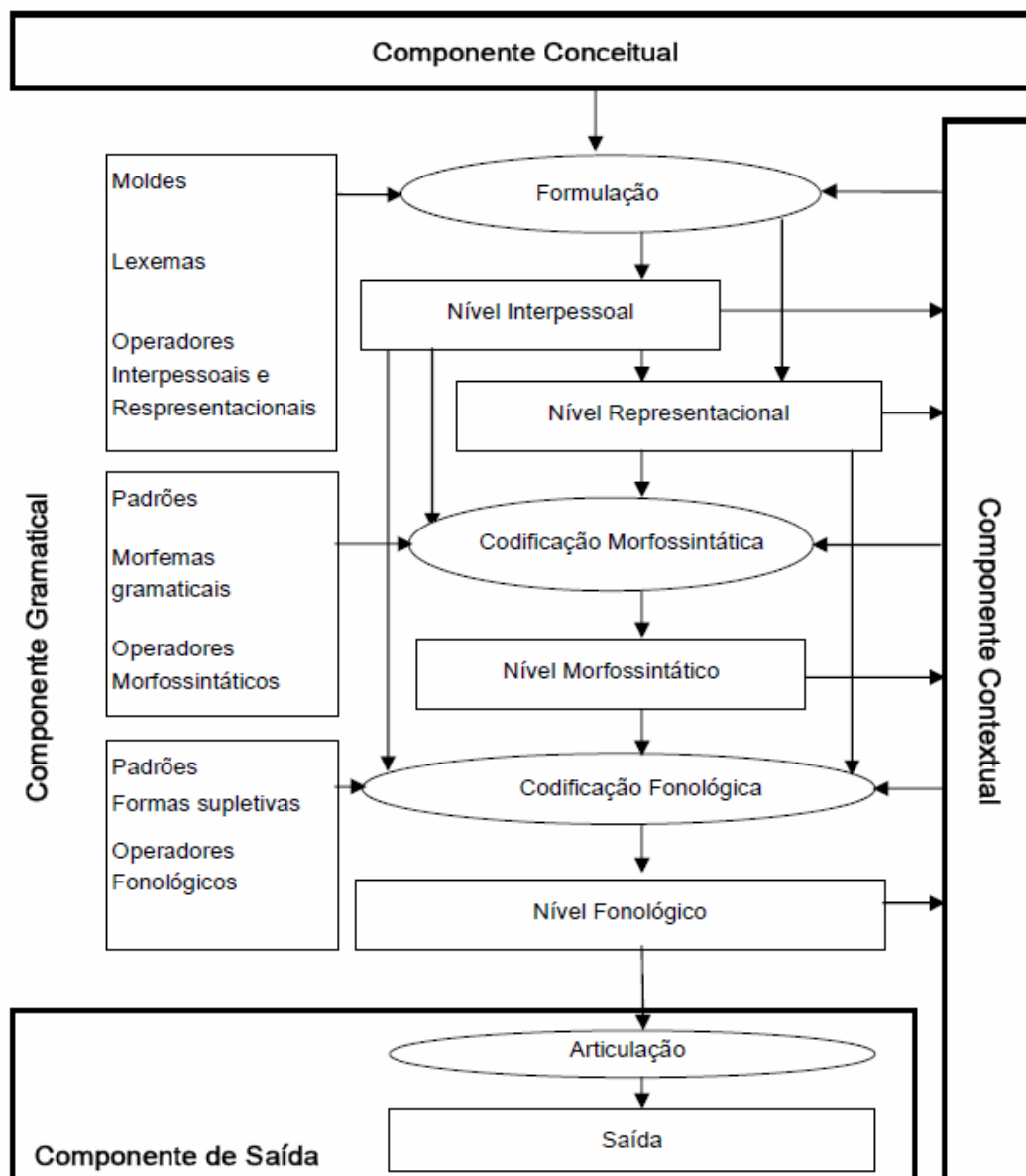


Figura 02: Layout geral da GDF (cf. HENGEVELD, K. e MACKENZIE, J. L. 2008, p. 13)

No processo de formulação, atuam os níveis Interpessoal e Representacional. No Nível Interpessoal, todas as unidades relevantes de comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. Com base na formalização em (01)², observa-se que a unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o *Move* (M). Um *Move* pode conter um ou mais Atos Discursivos (A). Um Ato Discursivo consiste em uma *Ilocução* (F), um ou mais Participantes do ato de fala (P) e o Conteúdo Comunicado (C) apresentado pelo falante. O Conteúdo Comunicado, por sua vez, pode conter um número variável de Subatos Atributivos (T) e Subatos Referenciais (R).

$$(01) \quad (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{\Phi\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi\}}] (R_1)_{\{\Phi\}}] (C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi\}}] (M_1))$$

Já no Nível Representacional, descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Representacional lida

² Nas formalizações, optamos por manter as abreviações dos termos originais em inglês, como *Cl* para *Clause* (oração).

com a denotação. As camadas desse nível, disponíveis numa representação formalizada e hierarquicamente organizada em (02), são definidas em termos das categorias semânticas que elas designam: Conteúdos Proposicionais (p), as unidades mais altas do Nível Representacional, são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios (Ep), que são conjuntos de estados-de-coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x); já Estados-de-coisas (e) incluem eventos e estados que são caracterizados pela possibilidade de serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um estado-de-coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional (f), que tem natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).

(02) $(p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2)^n(x_1)_\Phi \dots (x_{1+n})_\Phi](f_1)) \dots (f_{1+n})(e_1)_\Phi]) \dots (e_{1+n})_{\{\Phi\}}](ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{\{\Phi\}}](p_1))$

Na operação de codificação, por outro lado, atuam os níveis Morfossintático e Fonológico. O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados por iconicidade, integridade de domínio e pela preservação de relações de escopo. Entretanto, deve-se levar em conta que esse nível tem seus próprios princípios de organização, que podem não ser funcionalmente motivados. Conforme a representação em (03), a camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (EL), ou seja, qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática; se houver mais de uma unidade dentro da EL, elas terão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam para formar a EL são: Orações (Cl), Sintagmas (Xp) ou Palavras (Xw).

(03) $(EL_1: [Cl_1: [(Xw) (Xp_1: [(Xw) (Xp_2) (Cl_2)] (Xp_1)) (Cl_3)] (Cl_1))](EL_1))$

O Nível Fonológico, por fim, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* – alguns já na forma fonêmica – dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este último lida com questões relacionadas a frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, e contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias. Em outras palavras, o Nível Fonológico não mostra a “melodia” do Sintagma Entonacional, mas fornece um número de indicações de cada camada que o Componente de Saída converte em um uniforme e fluente resultado.

Sob a luz da GDF, a ordenação de constituintes está relacionada ao Nível Morfossintático, cuja tarefa é tomar o *input* duplo vindo dos níveis Interpessoal e Representacional e fazê-lo emergir numa única representação estrutural, que, por sua vez, se converterá, no Nível Fonológico, num construto fonológico, que será, finalmente, o *input* para o articulador, o Componente de Saída de todo o modelo³.

Dada sua sistemática organização *top-down*, a ordenação de elementos começa com a expressão morfossintática das partes hierarquicamente organizadas nos níveis Interpessoal e Representacional, iniciando pelas camadas mais altas, passando pelas mais baixas até chegar ao conteúdo e *frames* (esquemas) de predicação. O Nível Morfossintático contém os *templates*

³ Vale, aqui, ressaltar que cada nível da GDF, grosso modo, corresponde aos níveis de análise linguística: o Nível Interpessoal corresponde à pragmática; o Representacional, à semântica; o Morfossintático, à morfossintaxe e, por fim, o Fonológico, à fonologia.

de *frames* hierárquicos e não-hierárquicos. Posições obrigatórias nos *templates* para as quais não há material disponível serão preenchidas com elementos vazios (*dummies*).

2. Ordenação de constituintes argumentais no português brasileiro

Pezatti (1992) propõe que há duas ordens naturais e, por conseguinte, não-marcadas de constituintes sentenciais no português falado a depender do tipo de verbo: SV(O) com verbos transitivos (V2; cf. (04)) e verbos intransitivos não-existenciais (V1~e; cf. (05)), e VS com verbos intransitivos existenciais (V1e; cf. (06)). Desse modo, o PB configura uma língua de ergatividade cindida, já que apresenta os padrões nominativo e ergativo de ordenação.

(04) eles **plantaram** duas mangas na calçada ali na rua... (AC-114; RP: L. 448)
S V2 O Adv. Adv.

(05) eu **nasci** em três do doze de cinquenta e oito... (AC-114; NE: L. 05-06)
S V1~e Adv.

(06) e não **havia** UM remédio (AC-151; NR: L. 264)
V1e S

Dik (1997a; 1997b), com base em regras e princípios de ordenação, sustenta que cada língua tem um ou mais padrões funcionais de ordenação conforme o esquema a seguir:

(07) P2, P1 (V) S (V) O (V), P3.

P2 e P3 são posições que se reservam ao que Dik (1997b) chama de Constituintes Extraoracionais, ou seja, elementos com a função de Tema e Antitema que, por virem destacados da oração, não se submetem às regras oracionais, porém mantêm relações com ela. Já as outras posições são oracionais, sendo P1 reservada para elementos pragmaticamente salientes.

Camacho e Pezatti (1997), partindo dessa proposta de Dik, defendem a hipótese de que o PB é uma língua de ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), derivada diacronicamente do padrão P1 VSO, com colocação de sujeito em P1, de acordo com os princípios de ordenação PE4 e PE5, apresentados em Dik (1997a), resultando no padrão P1 SVO. O padrão VS, por outro lado, constitui um resquício desse padrão primário, P1 VSO, que explica o caráter posposicional de construções apresentativas/existenciais.

PE4 prevê uma posição inicial P1 universalmente relevante, usada para propósitos especiais, incluindo a colocação de constituintes com função de Tópico ou Foco. De acordo com PE5, o sujeito frequentemente ocupa a posição P1, uma vez que é o candidato primário a Tópico-Dado. Isso leva à reinterpretação de P1 como posição não-marcada para o sujeito. Esse processo de reinterpretação produz um novo padrão SVO e desencadeia a criação de uma nova posição P1, já que essa posição é universalmente relevante, resultando então o padrão P1 SVO⁴, conforme demonstram (08) e (09).

⁴ Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 336) preferem usar o termo ‘predicado’ e não ‘verbo’, justificando que há línguas sem uma classe específica de verbos e línguas que, mesmo com uma classe de verbos, usam outras classes (nomes, adjetivos) para funcionar como predicados. Por isso preferem classificar as línguas como predicado-inicial, predicado-medial e predicado-final e não VSO, SVO e SOV, como manda a tradição.

(08) eles tiveram nove filhos (AC-082; NR: L. 135-136)

(09) essa história ninguém sabe (AC-114; NE: L. 103)

(08a)	eles	tiveram	nove filhos...
	P1/S	V	O

(09a)	essa história	ninguém	sabe
	P1	S	V

Em (08), o sujeito da oração é também o Tópico e, portanto, ocupa a posição P1, configurando a ordem P1/SVO. Por outro lado, em (09), o argumento inativo “*essa história*” está em P1 por receber a função de Tópico, seguido de sujeito e verbo, o que configura a ordem P1SV.

Hengeveld & Mackenzie (2008), consideram a ordem linear dos elementos dentro da oração sob duas diferentes perspectivas: a organização hierárquica (ordenação de constituintes não-configuracionais, ou seja, opcionais) e a organização não-hierárquica (ordenação de constituintes configuracionais, ou seja, argumentais) de elementos. Além disso, as línguas podem dispor de quatro posições absolutas P^I , P^2 , P^M e P^F , que não são obrigatórias para todas as línguas, e várias posições relativas derivadas dessas quatro. Assim, as línguas podem fazer uso da posição inicial (P^I) e suas expansões para a direita (P^{I+1} , P^{I+n}), da segunda posição (P^2) e suas expansões para a direita (P^{2+1} , P^{2+n}), da posição final (P^F) e suas expansões para a esquerda (P^{F-1} , P^{F-n}) e da posição medial (P^M) e suas expansões para a direita (P^{M+1} , P^{M+n}), para a esquerda (P^{M-1} , P^{M-n}) ou para ambas as direções (P^{M-N} ; P^{M-1} ; P^M ; P^{M+1} ; P^{M+N}).

Vários fatores podem interferir na determinação da ordenação de constituintes: fatores relativos às funções pragmáticas e à referenciação associam-se ao Nível Interpessoal; os relacionados às funções semânticas e à designação, ao Representacional; e os relacionados às funções sintáticas e à complexidade estrutural do item linguístico, ao Morfossintático. Se, em uma língua, a ordenação de constituintes é direcionada por funções pragmáticas, a colocação desses constituintes deve preceder a de outros constituintes, e tem preferência pelas posições marginais da oração, como em (10).

(10) hoje ESSE BICHO dita as regras na sua casa... (AC-114; RO: L. 594)

(10a)	P^I	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^F
	hoje	esse bicho	dita	as regras	na sua casa

Em (10), o advérbio *hoje* está em P^I pois carrega a função pragmática de Contraste, ou seja, o falante, ao contrastar uma informação nova com outra dada contextualmente, dispõe tal elemento em P^I , uma posição reservada para elementos pragmaticamente marcados.

Por outro lado, a colocação dos constituintes pode respeitar, também, as funções semânticas. No Nível Representacional, as funções semânticas e a designação da categoria semântica desempenham um papel importante na colocação dos constituintes argumentais e menos importante na colocação de predicados, que, por serem núcleos, não apresentam função semântica. No entanto, devemos começar pela colocação do predicado, por duas razões: em primeiro lugar, em muitas línguas a Oração pode consistir apenas no predicado, já que a presença de marcadores referenciais, como a desinência verbal, torna supérflua a expressão lexical de argumentos, conforme se observa na expressão exortativa *Vamos!*. Em

segundo lugar, a colocação de certos tipos de argumentos é frequentemente relativa à posição do predicado, conforme veremos adiante.

Pezatti & Fontes (2010), então, argumentam que o PB é uma língua de predicado-medial, com três posições absolutas (P^I , P^M e P^F), necessárias para abrigarem os constituintes das várias camadas e níveis na linearização da oração. Além disso, o PB apresenta uma nítida separação entre a ordenação hierárquica e a configuracional: a hierárquica é centrípeta, começando pelas margens da Oração, já a ordenação configuracional é centrífuga, iniciando pelo predicado, conforme se representa a seguir:

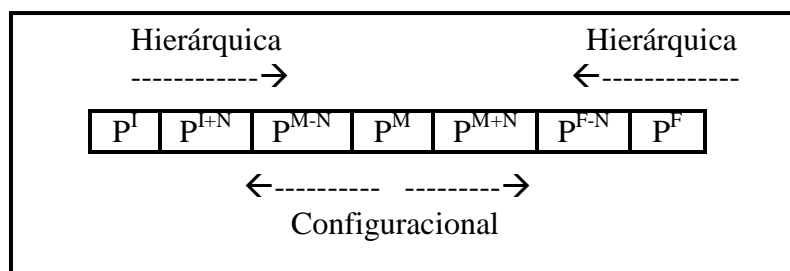


Figura 03: Ordenação de constituintes em português

2.1. Ordenação natural de constituintes configuracionais no português brasileiro

O estudo de Pezatti (1992) demonstrou haver duas ordens naturais em português: SV(O) e VS, a depender do tipo de verbo e da atribuição de hiperpapéis aos constituintes. A intenção que norteia esta parte do trabalho é observar tal ordenação natural com base na abordagem da GDF e, assim, como já adiantado, ampliar as reflexões aqui expostas para as construções que se utilizam de cópulas, uma vez que não foram tratadas por Pezatti (1992). Dessa forma, buscaram-se evidências que comprovem as proposições de Pezatti & Fontes (2010), segundo os quais, no PB, a ordenação de constituintes configuracionais, ou seja, argumentais toma a posição absoluta P^M junto a suas posições relativas e apresenta uma orientação centrífuga, começando pelo predicado, posicionado em P^M , e dirigindo-se, na colocação dos argumentos, à esquerda (P^{M-n}) e à direita (P^{M+n}), conforme representado graficamente na Figura 04:

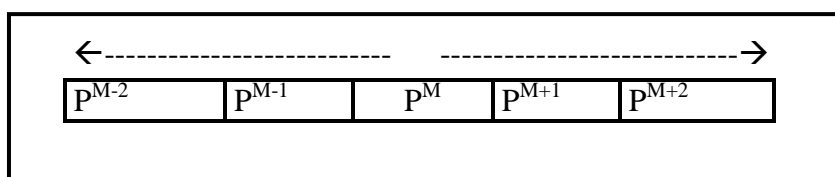


Figura 04: Ordenação centrífuga de constituintes configuracionais

A colocação desses constituintes, em Atos declarativos, está intimamente relacionada ao Nível Representacional, uma vez que é a função semântica que determina a posição no *template*. Para a GDF, as *funções semânticas* são reflexos gramaticais da consciência cognitiva sobre os papéis que os participantes de um estado-de-coisas desempenham. A GDF considera três macro-funções: (i) Ativo (*Actor*), quando a entidade designa um participante que apresenta um papel ativo, (ii) Inativo (*Undergoer*), quando a entidade designa um participante com papel passivo dentro do estado-de-coisas, e (iii) Locativo (*Locative*), quando um constituinte argumental tem a função de localizar o estado-de-coisas.

Essa visão tripartida dos papéis temáticos já estava presente em Pezatti (1992) quando a autora afirma que os verbos transitivos apresentam geralmente um argumento a eles

anteposto, no caso o sujeito, e um argumento a eles posposto, no caso o objeto. Segundo o estudo realizado pela autora, os argumentos sujeitos predominam no papel de agente (com verbos de ação), ou no de beneficiário e/ou experienciador (com verbos estativos e de processo), enquanto os argumentos objetos predominam nos papéis semânticos de paciente e de neutro⁵. No caso de verbos intransitivos não-existenciais, o seu único argumento, sujeito e anteposto ao verbo, pode exercer os papéis semânticos de Agente, Paciente, Beneficiário e Experienciador, com predominância do primeiro. Dessa forma, percebe-se que os argumentos sujeitos antepostos ao verbo desempenham, no geral, um papel semântico que está envolvido diretamente no evento, o que, como coloca a autora, pode ser abrigado sob o hiperpapel de *Ativo*; já os argumentos objetos, por desempenharem papéis que não se envolvem diretamente no evento, podem ser abrigados sob o hiperpapel de *Inativo*. Tais questões semânticas determinarão a ordenação dos constituintes em português: Sujeito no papel de Ativo deve preceder o verbo, e Objeto, quando expresso, no papel de Inativo deve pospor-se ao verbo, criando-se, assim, a ordem SVO. Ou seja, nos termos de Pezatti & Fontes (2010), Ativo (*Actor*) sempre assume uma das posições à esquerda do predicado (situado em P^M), enquanto Inativo (*Undergoer*) e Locativo (*Locative*) assumem uma das posições à direita.

Com propriedades dinâmicas de um (cf. (11), dois (cf. (12) e três-lugares (cf. (13)), os argumentos com função semântica de Ativo se colocam antes do predicado, já os com função de Inativo, depois, seguidos (quando for o caso) daqueles de função Locativo, como se vê nos exemplos de (11) a (13) e em suas respectivas representações.

- (11) nós trabalhamos em cidades diferentes... (AC-082; NE: L. 23-24)

	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
(11a)	nós	trabalhamos	em cidades diferentes

- (12) meu irmão tinha uma festa... fora da cidade (AC-052; NE: L. 63)

	P ^{M-1}	P ^M	P ^{M+1}	P ^F
(12a)	meu irmão	tinha	uma festa	fora da cidade

- (13) o namorado não deixa ele sair de casa (AC-052; NR: L. 143)

	P ^{M-2}	P ^{M-1}	P ^M	P ^{M+1}	P ^{M+2}
(13a)	o namorado	não	deixa	ele	sair de casa

Na interface com o trabalho de Pezatti (1992), observamos que o constituinte na função de Ativo deve preceder o verbo (que, no nosso caso, configura o predicado, situado em P^M), colocando-se na posição de Sujeito, que, na abordagem da GDF, deverá tomar as expansões à esquerda da posição P^M. Já os constituintes com função de Inativo devem pospor-se ao verbo, situando-se na posição de Objeto, o que implica em sua ordenação nas expansões à direita de P^M.

Segundo Pezatti (1992), a ordem SVO indica eventos que começam linearmente num ponto do espaço e terminam, subsequentemente, num outro. Isso revela um fluxo de atenção linguístico não marcado: da Origem, que compreende o hiperpapel Ativo, para a Meta, que compreende, por sua vez, o hiperpapel Inativo. Nessas sentenças de dois argumentos, um SN é selecionado para constituir ao mesmo tempo o ponto de vista e o ponto de partida do fluxo

⁵ Papel semântico Neutro: “é o argumento de verbo estativo, assim denominado por ter função semântica zero” (PEZATTI, 1992, p. 107).

de atenção. Assim, temos uma ordem natural de colocação dos constituintes: o ponto de partida da comunicação, ou seja, o ponto de partida do fluxo de atenção (Origem) coincide com o linguístico e com o ponto de vista. Essa ordem, ainda de acordo com Pezatti (1992), manifesta a clássica divisão entre Sujeito e Predicado: aquele é geralmente interpretado como informação partilhada, dada pelo contexto, comum aos dois participantes da interação, ou seja, em termos informacionais ou pragmáticos, o Tópico; já este é a informação nova a ser compartilhada com o Ouvinte, ou seja, o Comentário. Dessa forma, a divisão tradicional sujeito x predicado coincide com a divisão informacional Tópico e Comentário (cf. (12b)):

- (12b) meu irmão tinha uma festa fora da cidade
 Sujeito / Predicado
 Tópico / Comentário

Além das propriedades dinâmicas, o português faz uso de propriedades não-dinâmicas, que podem ser de um-lugar, relacionais, classificacionais, identificacionais e existenciais, sendo que, com exceção das existenciais, todas fazem uso da cópula.

Com propriedades não-dinâmicas de um lugar (cf. (14)), propriedades relacionais (cf. (15)) e construções de classificação (cf. (16)), já que, obviamente, não dispõem de elemento com função semântica de Ativo, o Inativo ocupa a posição P^{M-2} , e a cópula é inserida imediatamente antes do predicado, que, por não ter função semântica, posiciona-se em P^M :

- (14) ele é mui::to tímido... (AC-082; NE: L. 95-96)

	P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
(14a)	ele	é	muito tímido

- (15) ele era de São Paulo (AC-129; NE: L. 67)

	P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
(15a)	ele	era	de São Paulo

- (16) o pai dele é dentista (AC-052; NR: L. 144)

	P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
(16a)	o pai dele	é	dentista

Já em construções de identificação, como as duas unidades semânticas representam modos alternativos de visão da mesma entidade, não há relação de atribuição de propriedade, por isso nenhuma unidade semântica contrai função semântica⁶, conforme exemplificado de (17) a (19). Nesses casos, é a palavra verbal (a cópula) que ocupa a posição medial obrigatória, e a unidade semântica a segue, em P^{M+1} , conforme se observa nos *templates* dispostos abaixo.

- (17) ele era meu amigo... (AC-052; NE: L. 12)

	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
(17a)	ele	era	meu amigo

⁶ No Nível Interpessoal há dois Subatos de Referência, relacionados à mesma entidade.

- (18) meu nome é Doraci de Oliveira... (AC-114; NE: L. 03)

	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
(18a)	meu nome	é	Doraci de Oliveira

- (19) e eu fui o segundo tesoureiro... (AC-151; NE: L. 82-83)

	P^I	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
(19a)	e	eu	fui	o segundo tesoureiro

Por fim, com propriedades existenciais, conforme mostra Pezatti (1992), o verbo existencial ocupa a posição P^M , e o único argumento Inativo ocupa as expansões à direita do predicado:

- (20) e naquele tempo... não tinha Nenhum médico especialista em rim... (AC-151; NR: L. 263)

	P^I	P^{I+1}	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
(20a)	e	naquele tempo	não	tinha	nenhum médico especialista em rim

- (21) e não havia UM remédio (AC-151; NR: L. 264)

	P^I	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
(21a)	e	não	havia	UM remédio

- (22) não tinha antibiótico... (AC-151; NR: L. 264)

	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
(22a)	não	tinha	antibiótico

Com base no exposto, observamos que a proposta de Pezatti (1992) de que a ordenação natural de constituintes calca-se no fato de que, por um lado, argumentos sujeitos associam-se ao hiperpapel de Ativo e, assim, posicionam-se antes do verbo e, por outro lado, que argumentos objetos associam-se ao hiperpapel de Inativo e, assim, posicionam-se após o verbo está em consonância com os pressupostos da GDF: sendo P^M a posição do predicado, os argumentos Ativos ocupam suas expansões à esquerda, enquanto os argumentos Inativos, suas expansões à direita.

Há no PB, ainda, apesar de baixa, uma frequência de uso da ordem VS mesmo com *verbos intransitivos não-existenciais*. Pezatti (1992) já analisava tais construções como casos particulares em que o verbo, mesmo não sendo a priori existencial, comporta-se semanticamente como um verbo existencial, ou apresentacional e, desta forma, seu único argumento, no caso o argumento Sujeito, carrega o papel de Inativo, o que promove a posposição (cf. (23) a (27)).

- (23) e:: veio pessoas de várias cidades da região (AC-114; NR: L. 172)

	P^I	P^M	P^{M-1}
(23a)	e::	veio	pessoas de várias cidades da região

(23a)	e	veio	pessoas de varias cidades da região
-------	---	------	-------------------------------------

(24) e:: trabalha muita gente lá né... (AC-129; NE: L. 133-134)

	P^I	P^M	P^{M-1}	P^F
(24a)	e	trabalha	muita gente	lá

(25) e entraram uns prefeito com boa vontade muito boa vontade (AC-151; RO: L. 464-465)

	P^I	P^M	P^{M-1}
(25a)	e	entraram	uns prefeito com boa vontade

(26) aí começou as discussões... (AC-052; NE: L. 73-75)

	P^I	P^M	P^{M-1}
(26a)	aí	começou	as discussões

(27) e ao meu ver só existe uma maneira de você mudar isso... (AC-082; RO: L. 409-410)

	P^I	P^{I+1}	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
(27a)	e	ao meu ver	só	existe	uma maneira de você mudar isso

Tais exemplos, segundo Pezatti (1992), são chamados de frases-comentários uma vez que são casos em que o verbo e o argumento são enunciados de uma só vez, constituindo um todo informacional, como se os dois elementos estivessem fundidos.

Em síntese, verifica-se, com as análises acima propostas, como a disposição de constituintes configuracionais em PB segue uma orientação centrífuga, partindo do predicado, posicionado na porção medial da oração, especificamente em P^M , e dirigindo-se ou para a direita (P^{M-1} , P^{M-n}) ou para a esquerda (P^{M+1} , P^{M+n}), processo subordinado à atribuição de funções semânticas aos constituintes argumentais.

2.2. Ordenação marcada de constituintes configuracionais no português brasileiro

A ordenação marcada de constituintes se constrói quando algum constituinte oracional não ocupa sua posição não-marcada, devido a pressões vindas do Nível Interpessoal, como a necessidade de saliência, que sobrepujam as do Nível Representacional. Assim, por exemplo, focalizam-se argumentos Inativos posicionando-os em P^I , o que configura a ordem OSV.

Segundo Hengeveld & Mackenzie, a posição P^M é a menos saliente entre as demais posições e, assim, fica difícil avaliar o caráter informacional ou pragmático dos elementos dispostos em P^M . Ao atribuir uma função pragmática (Tópico, Foco ou Contraste) a um constituinte, isto é, ao salientar pragmaticamente um determinado Subato, o Falante o posiciona nas margens da oração, em P^I ou em P^F , como ocorre em (28) abaixo com o Subato Referencial *as primeiras*.

(28) as primeiras eu eu irriguei com com o balde (AC-145; RP: L. 180-181)

Como já propunha Pezatti (1992), nessa sentença (28), o objeto da ação, o Meta ou o argumento Inativo (*as primeiras*) toma a posição inicial, tornando-se o ponto de partida do

fluxo de atenção linguístico, não o ponto de partida do fluxo de atenção natural, representado pela Origem ou argumento Ativo (*eu*). Nesse caso, há uma reversão na ordem natural: de SVO, de Origem-Meta, para OSV, Meta-Origem.

Como afirma a própria autora, o Tópico não apresenta necessariamente uma função sintática dentro da sentença; assim qualquer elemento, de qualquer valor semântico, pode ser tomado como ponto de partida do fluxo de atenção linguístico. Na verdade, a autora defende a persistência da relação Tópico-Comentário para as frases do PB: o elemento posicionado à esquerda funciona como Tópico, e o que segue funciona como Comentário (cf. (28a)).

(28a) as primeiras / eu eu irriguei com com o balde (AC-145; RP: L. 180-181)
Tópico / Comentário

Na GDF, isso é visto de uma forma diferente: *as primeiras*, o argumento inativo do predicado *irrigar*, está posicionado em P^I, carregando a função pragmática de Contraste. Assim, temos a seguinte representação linear:

(28b)	P ^I	P ^{M-I}	P ^M	P ^F
	as primeiras	eu	irriguei	com o balde

Não queremos defender aqui que frases como (28) apresentam inversões ou deslocamentos. Seguindo uma visão funcionalista, tais termos não são possíveis por se julgar que a estrutura subjacente da oração, uma vez construída, permanece intocável em todas as representações pertinentes até receber a sua forma final na expressão morfossintática. (cf. DIK, 1997a). Assim, não há um deslocamento do constituinte para P^I, mas sim uma decisão do falante em posicionar um constituinte em P^I por razões pragmáticas. Dessa forma, o que tradicionalmente se chama de “inversão de constituintes” é visto, aqui, como decisões de um falante que, ao procurar destacar pragmaticamente uma determinada informação, posiciona um constituinte em uma posição diferente da sua ordem natural.

Para os constituintes argumentais, P^I e P^F são essas posições pragmaticamente salientes, isto é, são as posições que se reservam a constituintes argumentais aos quais são atribuídas funções pragmáticas. As *funções pragmáticas* expressam as expectativas que o próprio falante tem do estado mental do ouvinte; são aplicadas a partes de uma unidade linguística que são apresentadas ou como salientes, ou como o ponto de partida do falante ou consideradas compartilhadas pelo falante e pelo ouvinte. A GDF considera três tipos de funções pragmáticas: (i) Tópico (atribuída a um Subato não-focal, cuja função é assinalar como o Conteúdo Comunicado se relaciona ao comentário construído gradualmente no Componente Contextual. Essa definição pressupõe a atribuição de Tópico à informação dada, havendo assim uma correlação *default* entre Tópico e informação dada), (ii) Foco (marca a estratégia do falante de selecionar uma nova informação para preencher uma lacuna na informação pragmática do próprio Falante ou do Ouvinte) e (iii) Contraste (assinala o desejo do falante em contrastar as diferenças entre Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações disponíveis contextualmente). Dessa forma, elementos em P^I podem assinalar (i) Tópico, (ii) Foco e (iii) Contraste. Partindo desses fatos é que procura-se restringir a casos de argumentos Inativos posicionados em P^I, já que configuram os exemplos mais claros de situações em que as funções pragmáticas interferem na ordenação de constituintes.

Nos exemplos de (29) a (31) abaixo, a posição P^I é preenchida por constituintes aos quais se atribui a função pragmática de Tópico. Tais constituintes são informações dadas e criam uma relação entre o Conteúdo Comunicado e a mensagem que gradualmente vem sendo construída no Contexto.

- (29) na frente tem:: um um uma arvore que dá uma castanha que eu chamo de castanheira...que dá um um negocio marrom assim depois estoura dá uma castanha **essa área eu plantei de semente** (AC-114; DE: L. 317)

	P^I	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
(29a)	essa área	eu	plantei	de semente

- (30) minha mãe tem uma tia... ela tem mais... assim conversa mais com ela... eu não tenho tanto contato com ela... ela e a minha mãe sempre conversa mas eu não sou muito assim não converso muito com ela... e:: começou assim... ela teve um filho e... **esse filho ela começou a tratar como se fosse uma mulher...** (AC-052; NR: L. 121-122)

	P^I	P^{M-1}	P^M	P^F
(30a)	esse filho	ela	começou a tratar	como se fosse uma mulher

- (31) então esse meu irmão... que meu pai era muito BRAVO né... e::... ele apanhou demais... da conta... meu pai às vezes pegava... **isso eu num me recordo** (AC-082; NR: L. 206-207)

	P^I	P^{M-3}	P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
(31a)	isso	eu	num	me	recordo

Já em (32), ao relembrar de seu primeiro emprego, a informante deseja trazer para o discurso uma nova informação, uma situação e, assim, posiciona um constituinte em P^I, atribuindo-lhe a função pragmática de Foco:

- (32) eu quando comecei trabalhar meus primeiros dois trabalhos eu trabalhava e dava meu pagamento em casa cem por cento...então eh:: **as roupas que eu vestia eu não escolhia...**era minha mãe que escolhia (AC-114; RO: L. 576-577)

	P^I	P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
(32)	as roupas que eu vestia	eu	não	escolhia

Por fim, assim como em (28) acima, nas frases de (33) a (34), observa-se a atuação da função pragmática de Contraste no posicionamento de um constituinte em P^I. Na GF de Dik (1997a; 1997b), Contraste era interpretado como um dos tipos de Foco, já na GDF passa a figurar como uma função pragmática singular e diferente. Tal mescla entre Foco e Contraste, na visão de Hengeveld & Mackenzie (2008), é explicada pelo fato de as duas funções terem praticamente os mesmos mecanismos de expressão linguística. No caso de (28), o informante está relatando os procedimentos para plantar pimenta e, nesse ponto de seu relato, ele lembra que, no início, regava suas plantações com balde. Fica implícito, então, que, agora, no momento atual, ele não o faz mais, o que gera um Contraste entre duas informações, uma disponível no próprio discurso (cotexto), e outra no contexto extralinguístico.

- (33) eu aceito ele na dele ele quer sair ele sai ele tem suas coisas ele faz não sou contra agora assim... vir morar na minha casa com o namorado **isso eu já não aceito...** (AC-052; RO: L. 274-277)

	P^I	P^{M-3}	P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
(33a)	isso	eu	já	não	aceito

- (34) só fica ela e meu tio meu tio QUER que ele more em casa...só que não aceita o namorado e **isso eu concordo** que uma mãe não precisa ver o filho com seu namorado... (AC-052; RO: L. 274-275)

	P^I	P^{M-1}	P^M
(34a)	isso	eu	concordo

- (35) lógico que essas fotos nós tiramos a não ser algumas que cê coloca com:: pra dar credibilidade::de uma pessoa conhecida da cidade uma pessoa de de boa reputação que:: de boa índole que que é minha pessoa uma pessoa conhecida que fui bancário em Mirassol por vários a::nos... tinha uma imagem (libada libada)... então:: essas você colocou **algumas fotos a gente colocou pra propaganda** (AC-145; NE: L. 81-82)

	P^I	P^{M-1}	P^M	P^F
(35a)	algumas fotos	a gente	colocou	pra propaganda

Nos exemplos de (33) a (35), os argumentos Inativos estão todos posicionados em P^I, uma vez que carregam a função pragmática de Contraste. No contexto maior de (33) e (34), a informante discorre sobre a história de um primo que é homossexual e avalia a atitude da tia, mãe desse primo. Em algumas partes, a informante concorda com o posicionamento da tia, em outras, não. Em (33), por meio de um Ato declarativo subsidiário com função retórica de Orientação “vir morar na minha casa com o namorado”, a informante especifica o referente do pronome anafórico “isso”, que contrasta, pelo contexto, com o que ela aceita. Já em (34), o contraste fica tão nítido que, após o Ato declarativo nuclear “*e isso eu concordo*”, a informante faz uso de um Ato declarativo subsidiário carregando a função retórica de Correção “*que uma mãe não precisa ver o filho com seu namorado...*”.

Considerações finais

Com a análise acima desenvolvida, consegue-se verificar que a ordenação de constituintes em português segue duas direções: uma centrípeta, para constituintes hierárquicos ou opcionais, e outra centrífuga, para constituintes configuracionais ou argumentais. Além disso, observa-se, por um lado, como a ordenação de constituintes configuracionais em propriedades dinâmicas no nível Morfossintático se alinha ao nível Representacional e, então é determinada pela atribuição de funções semânticas aos constituintes, o que configura padrões que Pezatti (1992) sugere como as duas ordens naturais do PB. Por outro lado, constatamos que decisões tomadas pelo falante no nível Interpessoal interferem na ordenação à medida que “anulam” a atuação das funções semânticas, isto é, um argumento Inativo pode não vir posicionado nas expansões à direita de P^M (posições naturais para constituintes com essa função semântica), devido à atuação das funções pragmáticas e, assim, vê-se um alinhamento entre a ordenação de constituintes no nível Morfossintático e o nível Interpessoal. Portanto, a ordenação de constituintes no nível Morfossintático pode se alinhar ao nível Interpessoal e ao nível Representacional, sendo que determinações daquele predominam sobre determinações desse.

ABSTRACT: Based on Hengeveld and Mackenzie (2008)'s Functional Discourse Grammar (FDG), this article aims to analyze the natural and marked orderings of argument constituents in declarative sentences of Brazilian Portuguese taken in IBORUNA corpora. In this way, we conclude that the two natural orderings, proposed by Pezatti (1992), are determined by semantic factor, especially by semantic functions, while the marked ordering is determined by pragmatic factor, especially by the attribution of pragmatic functions.

Keywords: constituent ordering; declarative acts; pragmatic functions.

Referências bibliográficas

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part I: the structure of the clause. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

HENGEVELD, K. & MACKENZIE, J. L.. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PEZATTI, E. G. *A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Araraquara, SP: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 1992.

_____. A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. *Alfa*, São Paulo, v. 37, p. 159-178, 1993.

_____. Uma Abordagem Funcionalista da Ordem de Palavras no Português Falado. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 37-56, 1994.

_____. Ordering of Representational Level Adverbial Modifiers in Spoken Brazilian Portuguese. *Alfa*, v. 51, p. 293-315, 2007.

_____. A Ordenação dos Modificadores Adverbiais do Nível Representacional no Português Falado Europeu. *Linguística*, Madrid, v. 21, p. 61-86, 2009.

PEZATTI, E. G.; CAMACHO, Roberto Gomes. Ordenação de constituintes na sentença: uma interpretação funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 41, n. Esp, p. 99-126, 1997a.

_____. Aspectos Funcionais da Ordem de Constituintes. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 13, n. 02, p. 191-214, 1997b.

PEZATTI, E. G.; FONTES, M. G. Interrogativa-Q nas variedades lusófonas. Texto apresentado no *International Conference of Functional Discourse Grammar (ICFDG2010)*, Lisboa, Portugal, 2010.

Data de envio: 31/10/2010